



SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL : DESAFIO DE SAÚDE PÚBLICA

João Victor Aguiar Moreira¹; Veronica Perius de Brito¹; Kaio Saramago Mendonça¹; Caio Augusto de Lima³; Alice Mirane Malta Carrijo¹; Thales Junqueira Oliveira¹; Marcos Vinicius Teixeira; Caroline Coutinho Horácio Alves²; Tatiany Calegari⁴Martins¹

¹ Graduando(a) em Medicina pela Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

² Graduanda em Biomedicina pelo Instituto de Ciências Biomédicas da UFU

³ Mestrando em Ciências da Saúde FAMED - UFU

⁴ Doutora em Ciências. Professora Adjunta do Curso de Graduação em Enfermagem - FAMED - UFU

Introdução: A Sífilis Congênita(SC) é uma doença infectocontagiosa de transmissão vertical que apesar de ter rastreio no pré-natal, ainda é recorrente e com sequelas ao recém-nascido.

Objetivo: Analisar as características sócio-epidemiológicas da SC no Brasil no período de 2009 a 2019.

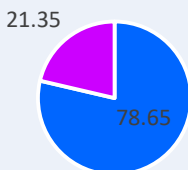
Métodos: Estudo observacional, transversal, com levantamento de dados no Sistema de Informação e Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde.

Resultados: Foram registrados 168215 de SC, o que representa 55,08% do total de notificações (305379). O diagnóstico da doença foi determinado para 96,36% crianças em até sete dias de vida. Quanto ao perfil materno, houve predomínio da faixa etária de 20 a 29 anos em 52,53% das mulheres, seguido por 23,09% com idade de 15 a 19 anos. A escolaridade mais frequente das mães foi de 5ª a 8ª série do ensino fundamental (24,09%), seguida pelas mulheres com ensino médio completo (13,57%). A cor de pele materna predominante foi parda (55,90%), seguida pela cor/raça branca (23,80%).

Em 78,65% das ocorrências a mãe realizou acompanhamento pré-natal, período no qual 51,87% diagnósticos de sífilis gestacional foram realizados, seguido por 34,89% com diagnóstico no momento do parto/curetagem. Foi observado que 55,27% das mães fizeram tratamento inadequado e 28,58% não realizaram terapêutica.

Conclusão: Observou-se um perfil de risco materno, identificado no pré-natal, caracterizado por mulheres pardas, jovens, com baixa escolaridade e submetidas a tratamento inadequado, cenário que favorece a transmissão vertical ao conceito e conduz ao quadro de SC. Dessa forma, apesar do aumento da qualidade do rastreio, ainda há problemas estruturais que refletem nos resultados maternos, visto que a maioria não foi submetida ao tratamento adequado ou sequer realizou terapêutica. O desafio brasileiro concerne em desenvolver políticas públicas para um pré-natal eficaz que garanta a redução desta infecção sexualmente transmissível e que seja mais inclusivo e universal.

Realização do pré-natal



■ Sim ■ Não